

Fotos: Carlos Moura 11.1.99



Ivia e o marido Manoel Antônio se mudaram ontem para o barraco levantado no Recanto das Emas, confiando no discurso de Joaquim Roriz, quando ele promete não derrubar barraco

FARRA DE BARRACOS

Rovênia Amorim
Cristina Ávila
Da equipe do *Correio*

A ida do governador Joaquim Roriz às invasões está estimulando o surgimento de novos barracos. No Recanto das Emas, onde ele esteve no sábado, a construção de casebres de madeirite não pára. O ritmo das marteladas só aumentou desde o final de semana. Até mesmo os invasores mais antigos, que moram há mais de três meses na quadra 605, espantam-se com o crescimento desenfreado de barracos.

“Foi só o governador terminar de falar que vi uma fila enorme em frente do orelhão. Era gente ligando para os parentes na Barragem (de Santo Antônio do Descoberto, em Goiás), Ceilândia e Taguatinga. Pediam pra eles virem correndo fazer o barraco às pressas, que ainda dava tempo”, conta Nilde Ferreira Leide, uma do-

na-de-casa de 40 anos e que está na invasão há oito meses.

Basta uma volta pela invasão para constatar que o barulho do martelo e do serrote está por toda parte. Caminhões, kombis de frete, carroças e até carros de passeio circulam pelas ruas esburacadas e enlameadas carregados de telhas de amianto, caibros e folhas de madeirite, novas e usadas.

Alguns desses novos invasores são desconfiados e fazem ameaça. “Para minha filha não ficar sem um teto pra morar, sou capaz de matar”, ameaça um senhor de chinelas havaianas, aparentando embriaguez. Outros negam que sejam invasores. “Estamos apenas reformando. Trocando as madeirites velhas por novas”, é a desculpa mais usual.

A notificação de 72 horas para os invasores deixarem o local foi suspensa pelo governador. Será feito um levantamento socioeconômico de cada família, antes de qualquer ação de reti-

rada de barracos. Decisões que parecem ter estimulado a construção apressada de novos casebres. “De sábado pra cá já fizeram uns 60 barracos novos. Tem gente que nem precisa, que tem casa noutra lugar, e está aqui tentando ganhar lote na nossa frente”, protesta Nilde, a dona-de-casa que diz ter chegado a Brasília há 22 anos.

Neuraci e Ivia guardam na memória parte do discurso que Roriz fez no Recanto das Emas. As duas chegaram na cidade no sábado, no dia da visita do governador. Antes de ouvi-lo falar, tinham apenas capinado a área que pretendiam invadir, na quadra 601. Depois se animaram mais e começaram logo depois a erguer as madeirites.

“Ele falou que ia dar lote a quem tem mais de cinco anos de Brasília”, diz a doméstica Neuraci Borges dos Santos, que trabalha na 411 Sul e diz estar há seis anos no DF. “Vim de Riachão das Neves, na Bahia, mas nunca fiz inscrição pra ganhar lote, não. Nem sabia onde fazer”, afirma Neuraci, mãe de duas meninas, Naiara, de 10 anos, e Lucinéia, de 14.

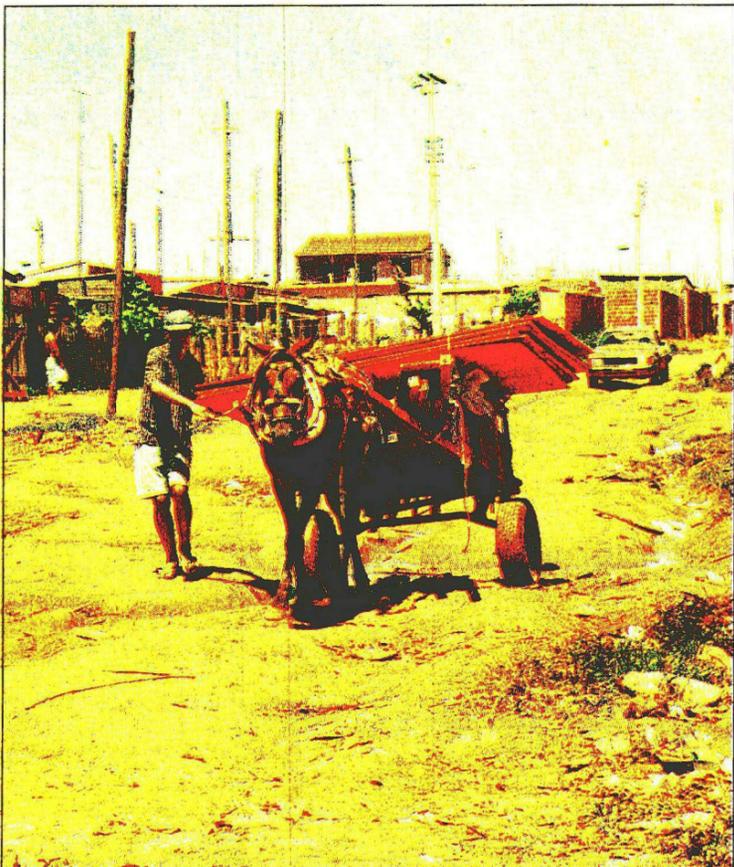
Ivia Ribeiro dos Santos, 18 anos, e o marido Manoel Antônio, de 24, dividem o barraco com Neuraci. Gastaram o dia de ontem para levantar as últimas madeirites e colocar as telhas. “Mas já dormimos aqui esta noite. Trouxemos a cama, os colchões e o fogão”, diz Ivia, grávida de um mês do pri-

meiro filho. “Estamos confiando no Roriz. Ele disse que não vai derrubar barraco”, afirma.

Essa esperança levou a baiana Dinália Maria de Jesus Santos, 31 anos, a abandonar o barraco alugado em Samambaia e mudar-se há três meses para a invasão da quadra 601. “Todo dia pego a Deus e peço a ele pra dar um lugar para eu morar com meus filhos”, diz a mãe de Gilvan, 10 anos, Patrícia, 7, e Jaqueline, de 2.

Dinália conta que chegou à Capital Federal há nove anos. “O Gilvan ainda era bebê de colo”, lembra. Deixou um vilarejo no município de Taboca e veio atrás do sonho de ganhar um lote de Joaquim Roriz. “Foi naquela época que estavam dando lote pra todo mundo. Mas meu marido não teve coragem de invadir e acabamos não conseguindo. Agora resolvemos. É agora ou nunca”, diz Dinália.

■ Leia na página 2: Moradores prometem destruir barracos de novos invasores



Tábuas de madeirite chegam a todo momento para a construção de barracos

ANÁLISE DA NOTÍCIA

COM A CAVEIRA NA MÃO

Paulo Pestana
Da equipe do *Correio*

O governador Joaquim Roriz pode até querer dar a impressão que está vencendo a batalha contra os invasores, mas continua perdendo. Os movimentos feitos até agora — a messiânica dominação da massa no Guará e a derrubada de barracos vazios em Sobradinho — não mostram que o governo reassumiu o controle da defesa da terra pública; aliás, não mostram nada. As invasões ainda estão por toda a cidade — em parte graças ao afrouxamento da fiscalização no final do governo passado —, assumindo ares de uma epidemia urbana. O governo, ainda tonto com as ocupações, ainda não apresentou um plano de ação.

O discurso apaziguador de Roriz

durante a campanha, de que não iria derrubar barraco de pobre, que ninguém pagaria por lote e que todos têm direito a um pedaço de terra para morar, certamente alimentou a sanha dos miseráveis e dos espartos. Mais um discurso de Roriz, no último sábado, foi a senha final para que muita gente se arvorasse a construir barracos.

Não é difícil saber porque a reação demorou tanto. Invasão é um problema que atormenta Roriz há tempos. Mesmo sem olhar para uma caveira e nunca ter lido a história do príncipe da Dinamarca, o governador fica entre a consciência (que o manda dar lote a todo pobre) e a razão (que não permite a distribuição de terra pública). As invasões têm sido o céu e o inferno da carreira política de Joaquim Roriz; ao mesmo tempo em que garanti-

ram muitos votos das classes econômicas menos favorecidas — aprovação eleitoral —, são a maior fonte de desconfiança do eleitor de classe média — rejeição.

Mas o que menos importa agora são as razões de Roriz. Nem o mandato de governador nem a maioria absoluta na Câmara Legislativa dá a ele o direito de administrar o Distrito Federal como se fosse mais uma de suas propriedades. Roriz tem ouvido muita gente ultimamente, mas não tem recebido bons conselhos. É hora de se debruçar sobre a questão fundiária do Distrito Federal, decidir de uma vez por todas quais áreas poderão ser habitadas, quais os meios para que a população não seja estrangulada pela saturação dos serviços públicos. Enfim: é preciso pensar no futuro de Brasília.